



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCC

CENTRO DE HUMANIDADES – CH

UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG

ALEX JUNIOR DONATO

O ESTUDO DE CAMPO COMO PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO
DE GEOGRAFIA: O olhar sobre o Mercado Público das Malvinas

CAMPINA GRANDE – PB
2016

ALEX JUNIOR DONATO

O ESTUDO DE CAMPO COMO PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO
DE GEOGRAFIA: O olhar sobre o Mercado Público das Malvinas

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura
Plena em Geografia da Universidade Federal de
Campina Grande - UFCG - Campus Campina
Grande, como requisito para a obtenção do título de
Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Sonia Maria de Lira

CAMPINA GRANDE – PB
2016

FICHA CATALOGRAFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

D677e

Donato, Alex Junior.

O estudo de campo como proposta metodológica para o ensino de geografia: o olhar sobre o Mercado Público das Malvinas / Alex Junior Donato. – Campina Grande, 2016.

35 f.; il. color.

Monografia (Licenciatura Plena em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.

"Orientação: Profa. Ma. Sonia Maria de Lira".

Referências.

1. Geografia – Estudo e Ensino. 2. Pedagogia. 3. Sociologia Urbana – Mercados Periódicos. I. Lira, Sonia Maria. II. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande (PB). III. Título.

CDU 910(07)(043)

ALEX JUNIOR DONATO

O ESTUDO DE CAMPO COMO PROPOSTA METODOLÓGICA PARA O ENSINO
DE GEOGRAFIA: O olhar sobre o Mercado Público das Malvinas

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sonia Maria de Lira (Orientadora – UAG/UFCG)

Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz (Examinador interno – UAG/UFCG)

Profa. Ms. Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida (Examinadora interna –
UAG/UFCG)

Campina Grande, 29 de setembro de 2016.

A Manoel Joaquim Donato Filho e Maria Madalena Donato, que são minha fonte de inspiração e meu fortalecimento diário para enfrentar os obstáculos do caminho, os quais com muito esforço me apoiaram, na realização deste sonho.

Ao meu irmão, minha madrinha Ana Maria e toda minha família, que contribuíram de maneira significativa na minha formação, compartilhando tristezas e alegrias.

À minha noiva Joedilma, que me ajudou e me compreendeu em todos os momentos difíceis que precisei enfrentar durante este período.

A todos dedico esta conquista e todo o meu carinho.

AGRADECIMENTOS

A um Senhor todo poderoso, o qual nos momentos difíceis e nas horas de aflição, pedi auxílio e fortalecimento, sendo possível a realização deste curso. Obrigado meu Deus.

Aos meus pais, pelo amor, apoio e incentivo em todos os períodos de realização do curso.

À minha orientadora Profa. Dra. Sonia Maria de Lira, por ter acreditado na minha capacidade para realização deste trabalho. Pela compreensão nos momentos em que não pude realizar as atividades de acordo com o planejamento, pela confiança depositada, pelas ricas orientações que me proporcionou, fundamentais para concretização deste trabalho. E pela paciência diante dos problemas que surgiram durante o percurso, em que com muita inteligência me orientou para que tudo pudesse acabar de maneira positiva. À professora minha humilde gratidão pela dedicação e pelo carinho.

Aos Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz e Prof.^a Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de Almeida, por terem aceitado o convite para participarem da Banca deste trabalho de conclusão de curso e pela contribuição para o meu desenvolvimento profissional.

À diretora da Escola Estadual Alceu do Amoroso Lima, por ter me aceitado para realização da minha pesquisa.

À professora de Geografia, Maria do Socorro Bezerra, por ter me acolhido em sua turma e contribuído para realização do trabalho.

Aos alunos do 6º ano “B” da Escola Estadual Alceu do Amoroso Lima por terem participado de forma efetiva na realização da pesquisa.

Aos professores da Unidade Acadêmica de Geografia da UFCG, pelas suas contribuições no âmbito acadêmico, através do aprofundamento dos saberes geográficos e produção deste trabalho.

À técnica em cartografia, Ana Raquel, pela ajuda na elaboração do mapa utilizado neste trabalho.

Aos meus amigos da turma 2012.1, pelas discussões, debates e trabalhos desenvolvidos, os quais contribuíram para minha formação. E em especial aos meus grandes amigos, Felipe Bertolino, Noemia Pereira, Talita Araújo e Yasmin Jardimino, os quais contribuíram para que chegasse onde estou, apoiando e fortalecendo tanto a produção do conhecimento, como a nossa amizade.

RESUMO

A cidade de Campina Grande-PB teve sua origem a partir de inúmeras transformações socioespaciais, envolvendo as dinâmicas comerciais provenientes dos tropeiros, contribuindo assim para o surgimento das primeiras feiras-livres. Estas proporcionaram à cidade destaque regional na mesorregião do Agreste Paraibano, ampliando o leque de sua influência. Mas, será que estas inter-relações espaciais das feiras, tão próximas do cotidiano dos estudantes paraibanos, estão sendo trabalhadas no ensino de geografia? Diante deste questionamento, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as dinâmicas socioespaciais a partir das feiras de Campina Grande, especificamente a do Mercado Público das Malvinas, verificando como os jovens escolares interagem com este lugar através do trabalho de campo, na construção dos conhecimentos geográficos. Para a realização da mesma utilizamos a pesquisa participante, na qual os sujeitos e objeto se relacionavam mutuamente, porque alunos e investigador foram agentes ativos na realização do trabalho. Neste contexto, o trabalho de campo foi muito importante para o processo de conceituação geográfica dos alunos, podendo ser destacados os conceitos de paisagem, lugar e espaço. Dessa forma, este instrumento contribuiu tanto para a investigação empírica quanto para a construção dos conhecimentos pelos estudantes.

Palavras-chave: Mercados Periódicos. Ensino de Geografia. Jovens Escolares.

ABSTRACT

Campina Grande City has been originated from several sociospatial transformations, including commercial dynamics from the ranchers, evolving to the firsts public trading markets. These places has given to the city some regional highlight at Paraíba's *agreste*, and maximized its influence. But, we wonder if these spatial interrelations, so close to Paraíba's students daily life, has been properly studied at Geography teaching. Facing the question, this work proposed the assessment of sociospatial dynamics from public trading markets at Campina Grande City, specifically at Malvinas Public Market, checking how young school students interact with it through fieldwork, when they study geography. To perform the work, we used participatory research, where the subject and the object were mutually related, because students and researcher were active agents in the process. At this context, the fieldwork became quite important to students geographic conceptualization, featuring the perception of landscape, place and space. Thus, this tool has helped out as much empirical research as construction of knowledge of students.

keywords: Periodic markets. Geography Teaching. young students.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. As cores e os fluxos internos da feira.....	17
Figura 02. Açougue.....	18
Figura 03. Loja de roupas.....	18
Figura 04. Mapa da localização do Mercado Público das Malvinas.....	19
Figura 05. Loja de Variedades.....	20
Figura 06. Salão de beleza.....	20
Figura 07. Academia Popular.....	20
Figura 08. Biblioteca.....	20
Figura 09. Distribuição dos produtos no mercado.....	24
Figura 10. Descarga de mercadorias.....	25
Figuras 11 e 12. Preparação para o trabalho de campo.....	26
Figura 13. A variedade de produtos e cores.....	28
Figura 14. Participação dos alunos na feira.....	28
Figura 15 e 16. Realização de entrevista com feirante.....	29
Figura 17. Relato dos elementos da paisagem.....	30
Figura 18. Diversidade de cores.....	31
Figura 19. As formas e cores.....	31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. OS MERCADOS PERIÓDICOS NO CONTEXTO SOCIOESPACIAL DE CAMPINA GRANDE-PB	14
1.1 A feira do Mercado das Malvinas	18
2. O ENSINO DE GEOGRAFIA E O TRABALHO DE CAMPO: estratégias para a construção dos conhecimentos geográficos	23
2.1 O trabalho de campo na construção dos conhecimentos geográficos	24
2.2 Os fixos e fluxos a partir do estudo da feira	25
3. OS ESTUDANTES DA ESCOLA ESTADUAL ALCEU DO AMOROSO LIMA NO MERCADO DAS MALVINAS: construindo conhecimentos geográficos	27
3.1 Preparação para o trabalho de campo.....	27
3.2 O trabalho de Campo na Feira das Malvinas	28
3.3 Retomando os conhecimentos geográficos.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

Na dinâmica socioespacial atual, em que o acesso às informações é disponibilizado pelos meios de comunicação de forma bastante acelerada, percebe-se quanto às relações com o local tornam-se cada vez mais banalizadas, e até mesmo distantes do que estávamos acostumados a presenciar tempos atrás.

Com isto, não nos damos conta dos processos que acontecem ao nosso redor e das inter-relações que surgem a partir do local e que atingem níveis globais ou vice-versa. Este fato ocorre pela ausência da observação e, de acordo com Cavalcanti (1998), da busca pela produção do espaço em que se está inserido, a partir da compreensão das dinâmicas existentes no mesmo.

Nessa perspectiva, é necessário levar-se em consideração também sobre a forma como o ensino de Geografia está sendo trabalhado com os jovens escolares, verificando se os aspectos sobre o bairro e a cidade são enfatizados na disciplina escolar. Será que espaços do cotidiano, como por exemplo, das feiras locais, são estudados nesta disciplina? Este aspecto é importante, porque os referidos espaços periódicos estão presentes na maioria dos municípios nordestinos e fazem parte da vivência destes estudantes. Ademais, as inter-relações ali existentes podem ser discutidas através dos diversos conceitos geográficos.

Diante disto, objetivamos na realização deste trabalho, analisar as dinâmicas socioespaciais a partir das feiras de Campina Grande, especificamente a do Mercado Público das Malvinas, verificando como os jovens escolares interagem com este lugar através do trabalho de campo, na construção dos conhecimentos geográficos.

Por isso, procuramos de maneira mais específica: verificar sobre a importância da feira no contexto socioespacial de Campina Grande; identificar as inter-relações internas e externas do Mercado Público das Malvinas; utilizar o trabalho de campo neste mercado como estratégia para a construção dos conhecimentos geográficos.

Para realização da investigação, optou-se por trabalhar com a pesquisa participante, processo em que os alunos e o investigador estiveram envolvidos com o objeto de estudo, tornando-se um trabalho bem mais significativo que a pesquisa convencional. Diante da importância deste tipo de pesquisa Boterf (1984, p. 52) destaca que esta vai além da pesquisa tradicional, pois os sujeitos é que passam a identificar

seus problemas e a buscar soluções para que estes possam ser solucionados, havendo então a contribuição e o envolvimento de todos que estão inseridos no objeto de estudo a ser analisado.

Ressaltando ainda sobre a pesquisa participante o autor anteriormente citado também relata que,

Ela também implica “viver junto” com a coletividade estudada, em partilhar o seu cotidiano, a sua utilização do tempo e do espaço: ouvir, em vez de tomar notas ou fazer registros: ver e observar, em vez de filmar; sentir, tocar em vez de estudar; “viver junto” em vez de visitar. É em geral preferível deixar de lado os cadernos de notas, os gravadores e os questionários. (BOTERF, op. cit, p. 58)

Desta forma, este tipo de pesquisa proporciona aqueles que delas se utilizam inter-relações bem mais próximas. E como, o investigador que encaminha este trabalho, também é envolvido com o Mercado das Malvinas, fará parte do processo como sujeito e objeto.

Este trabalho, então, encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro foi feito um resgate sócio histórico das feiras livres, enfatizando sobre as origens das feiras do município de Campina Grande-PB e sua importância para o desenvolvimento da cidade, como também destacando sobre a do Mercado das Malvinas para a população que interage neste espaço.

No segundo capítulo, procurou-se discutir a respeito dos conceitos de espaço, lugar e paisagem, apontando as maneiras de trabalhar com eles a partir de espaços do cotidiano. Neste caso foi colocada a feira como um ambiente onde acontecem inúmeras inter-relações. Ademais, discutiu-se sobre o trabalho de campo como instrumento metodológico importante na apropriação dos saberes da Geografia escolar.

No terceiro capítulo foi feita a análise empírica sobre do Mercado das Malvinas, com participação ativa dos estudantes. O trabalho de campo, neste contexto, serviu como estratégia para colaborar com a construção de conceitos geográficos a partir da observação espacial, relacionando teoria e prática.

CAPÍTULO 1

OS MERCADOS PERIÓDICOS NO CONTEXTO SOCIOESPACIAL DE CAMPINA GRANDE-PB

As relações comerciais estiveram presentes no processo de formação socioespacial das mais diversas localidades. Contudo, nem sempre a prática comercial esteve associada à questão monetária, ou seja, iniciou-se a partir das trocas e no decorrer do tempo foram surgindo as feiras livres.

Pode-se encontrar registros da oficialização desta modalidade comercial desde a idade média, que, em muitos casos eram controladas pelo Estado. No entanto, as feiras só passaram a ser frequentadas pelas classes populares a partir da revolução comercial, que ocorreu no século XI. Desta forma, a população realizava a troca, mas também já se praticava o ato da venda dos seus produtos. Este tipo de comercialização ganhou destaque econômico a partir da queda do feudalismo e do surgimento do sistema capitalista. (BOECHAT e SANTOS, 2011).

Trazendo para o contexto brasileiro podemos considerar que as feiras são uma tradição provinda dos europeus, ou seja, foram trazidas a partir dos colonizadores que invadiram o território brasileiro. São realizadas desde o período colonial e não perderam sua essência, resistindo até a chamada pós-modernidade, embora sofrendo alterações em seus contextos conforme as especificidades dos locais em que se instalaram.

O surgimento das feiras deu-se, principalmente, através da necessidade de repassar os excedentes da produção agrícola. Conforme Braudel (1998)

Acredita-se que a principal causa da origem das feiras foi a formação de excedentes de produção, havendo a necessidade de troca de mercadorias, primeiramente, entre grupos vizinhos e, posteriormente, disponibilizando os produtos para grupos do entorno das comunidades.

Dessa forma, as feiras livres desenvolveram-se em diversas áreas do território brasileiro, contribuindo para formação de pequenos povoamentos e, posteriormente, em centros urbanos significativos, podendo ser destacadas a cidade de Campina Grande-PB, Feira de Santana-BA, Caruaru-PE, entre outras na região nordestina.

Neste contexto, no ano de 1790, no território paraibano é oficializada a Vila Nova da Rainha, que se transformaria posteriormente em Campina Grande. A vila era importante ponto de cruzamento com outras estradas principais, tornando-se então

necessária a passagem pelo local, ocasionando, posteriormente, o surgimento da feira, a partir de artigos oriundos de outras localidades.

Entre os primeiros produtos que passaram a ser comercializados na feira local de Campina Grande destacamos a farinha de mandioca, a qual proporcionava a base alimentar para a população da época, sendo enfatizada por Costa (2003, p.19) da seguinte forma:

Antes mesmo de Campina Grande ganhar destaque como feira de gado, foi a feira de farinha de mandioca, que atribuiu importância ao lugarejo. Esta feira surgiu no núcleo inicial da rua das Barrocas e acompanhou a evolução do espaço urbano campinense.

Mas, este produto não era oriundo exclusivamente da região agrestina, pois segundo Costa (op. cit, p. 96),

A existência e importância de tal mercado se deve muito mais a população sertaneja, que tinha o suprimento de farinha de mandioca viabilizado pelos boiadeiros e almocreves, os quais em suas travessias entre o litoral e o sertão se abasteciam na feira das Barrocas. É este fato que torna possível afirmar que o raio de alcance espacial máximo foi muito mais importante na consolidação desse mercado periódico que o alcance mínimo.

Ademais, os “caminhos do gado” também foram fundamentais no processo inicial do município. Este passou a ser um dos principais produtos a serem comercializados naquele ambiente. Andrade (1986) retrata que a cidade possuía uma feira de gado com bastante expressividade, por ser segundo o autor “porta de acesso para o Sertão e o Cariri”, possibilitando a interação entre estas localidades no percurso e comercialização destes animais.

Como também, o papel dos grupos de viajantes, foi essencial nesta configuração espacial, pois realizavam paradas, tendo como ponto de apoio não somente para o descanso, mas também para troca de mercadorias. Estes viajantes foram denominados de tropeiros, por viajarem e transportarem suas mercadorias em tropas de animais (burros e cavalos).

Aranha (1993 apud DINIZ, 2015) enfatizou que eles tornaram-se os responsáveis pelas atividades comerciais daquele período, pois estavam ligados diretamente aos movimentos comerciais existentes nos sertões, desempenhando então um papel de intercâmbio entre as localidades, pois transportavam as mercadorias provenientes destes locais, assegurando as inter-relações entre os diversos territórios.

A partir desta dinâmica estes espaços foram vivenciando o processo de povoamento que colaborou para a transformação em cidade, passando a ter centralidade regional. Dentro desta perspectiva Diniz (2015, p.89) ressalta que,

O desenvolvimento da atividade comercial, no processo de formação do espaço urbano-regional de Campina Grande, remonta desde as suas origens. A realização das feiras livres regionais, as numerosas operações mercantis, o intenso fluxo de mercadorias oriundas, especialmente, de regiões circunvizinhas, revelam uma parte da dimensão espacial das atividades comerciais realizadas neste centro urbano interiorano.

Contudo, outras atividades também proporcionaram grandes impactos nas transformações socioespaciais campinenses, entre elas podemos citar a atividade algodoeira, que favoreceu a continuidade da potencialidade comercial da cidade. Reiterando Diniz (op. cit, p.92)

A cidade de Campina Grande, enquanto novo centro convergente da produção regional algodoeira, tornou-se importante centro comercial deste produto. Os lucros obtidos do algodão transformou esta cidade numa praça de comércio algodoeiro. O acúmulo deste produto na cidade atraía compradores de várias partes da região até do exterior, como o mercado consumidor inglês que chegou a importar grandes volumes deste produto.

A comercialização algodoeira trouxe a chegada do setor ferroviário, proporcionando a interação com localidades externas, visto que a cidade passou a ser “ponta de trilhos”, e não havendo a continuidade para outras áreas deste meio de transporte, favoreceu a Campina Grande. Diniz (op. cit, p. 92-93) sobre este tema ressalta que,

Com o desenvolvimento da atividade econômica algodoeira, surgem investimentos no setor ferroviário no Nordeste brasileiro. Muitas cidades transformaram-se em importantes centros urbanos após a implantação destas estradas, sobretudo aquelas que se constituíam em verdadeiras “pontas de trilhos”, pois nestas concentrava-se e escoava-se grande parte das produções vindas de distantes localidades, onde os “progressos” trazidos pelos trilhos ainda não tinham alcançado concretamente.

Estas inter-relações contribuíram para transformações constantes no espaço campinense. Neste sentido, Santos (1997) reflete que,

O espaço é a totalidade verdadeira, porque dinâmica, resultado da geografização da sociedade sobre a configuração territorial. Podem as formas, durante muito tempo, permanecer as mesmas, mas como a sociedade está sempre em movimento, a mesma paisagem, a mesma configuração territorial, nos oferecem, no transcurso histórico, espaços diferentes (SANTOS, op. cit, p.77).

Neste aspecto, o tempo e o espaço estão em constante movimento. Mas, elementos do espaço também permanecem com superposições do passado, entre estes elementos podemos destacar as feiras que resistem, mesmo perante tantas transformações comerciais da atualidade.

Elas continuam mantendo a essência, a tradição, procurando adaptar-se aos contextos diversos. Nesta perspectiva, podemos destacar que este mercado periódico, além de ser ponto de referência comercial, é importante instrumento para estudos que tratem sobre os lugares cotidianos. Por isso, é necessário valorizarmos estes lugares, pois,

Muitas vezes sabemos coisas do mundo, admiramos paisagens maravilhosas, nos deslumbramos por cidades distantes, temos informações de acontecimentos exóticos ou interessantes de vários lugares que nos impressionam, mas não sabemos o que existe e o que está acontecendo no lugar em que vivemos. (CALLAI, 2000, p.83)

Dessa forma, é de extrema importância procurar compreender as dinâmicas existentes no lugar, pois estas influenciam diretamente no modo de vida das pessoas que ali vivem, já que o lugar se apresenta a partir das interações provenientes das diversas atividades existentes.

Reiterando Callai (op. cit., p.84)

Na literatura geográfica, o lugar está presente de diversas formas. Estudá-lo é fundamental, pois ao mesmo tempo em que o mundo é global, as coisas da vida, as relações sociais se concretizam nos lugares específicos. E como tal a compreensão da realidade do mundo atual se dá a partir dos novos significados que assume a dimensão do espaço local.

Desta forma, a abordagem relacionada à feira torna-se importante, pois é um espaço de resgate cultural, enquanto ambiente que permanece com aspectos semelhantes às suas origens, de comércio varejista ao ar livre, porém com inovações em seus produtos e inter-relações com espaços mais distantes.

Além do estudo do lugar é possível analisar as paisagens presentes na feira, porque as cores, os cheiros, os sons são diferenciados como em poucos locais, uma vez que todos os sentidos são despertados neste ambiente. Dessa forma, a percepção é necessária para que as análises possam se ampliar para além do que é visto. De acordo com Santos (1997, p. 61) a paisagem pode ser definida da seguinte forma,

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.

Sendo assim, podemos identificar que as paisagens presentes na feira possuem estes componentes destacados por Santos, pois inúmeros sons se apresentam através da propaganda dos feirantes em relação aos seus produtos, utilizando-se da persuasão do comerciante para os fregueses. As bancas ou carrinhos de CD's chamam a atenção por

tocarem os “sucessos do momento” e as negociações e pedidos dos compradores complementam este cenário.

As cores presentes nestas paisagens são as mais numerosas possíveis, pois os alimentos deslumbram as suas tonalidades, acompanhadas dos cheiros e sabores. Os fluxos internos são frequentes em busca daquilo que os compradores estão procurando, fazendo parte de uma dinâmica comercial muito singular (figura 01).

FIGURA 01: As cores e os fluxos internos da feira



FONTE: DONATO, 2016.

As características ressaltadas anteriormente são encontradas na maioria das feiras, mas em alguns territórios elementos de comercialização se sobressaem em relação a outros, conforme as potencialidades regionais.

Como também, dentro da mesma feira alguns espaços se especializam em um tipo de produto específico. Além disso, a localização da feira dentro do espaço urbano também vai determinar a sua abrangência, porque, por exemplo, a feira central de Campina Grande possui uma variedade maior de produtos, porque atende uma clientela bem mais diversificada. No entanto, outras feiras de bairros têm dimensões diferenciadas conforme o atendimento daquelas populações.

1.1 A Feira do Mercado das Malvinas

A feira do Mercado das Malvinas se originou a partir de uma simples feira de rua, atendendo uma população recente no bairro, mas que já carecia de suplementos

alimentícios para sua vivência. Nestas circunstâncias alguns comerciantes, que já comercializavam seus produtos em outros ambientes, viram a possibilidade de ampliar sua área de atuação também naquele território.

No decorrer do tempo a prefeitura urbanizou a área e o mercado público foi construído e inaugurado no mês de Julho do ano 2000¹. Neste período a feira foi transferida das proximidades da Avenida Marechal Floriano Peixoto para a Rua Vila Velha (figura 04). Este mercado passou a oferecer outros espaços de comercialização como açougues (figura 02) e lanchonetes. Como também, outras mercadorias como: roupas (figura 03), calçados, etc.

FIGURA 02: Açougue



FONTE: DONATO, 2016.

FIGURA 03: Loja de roupas



FONTE: DONATO, 2016.

¹ A criação do espaço destinado ao Mercado Público do Mercado das Malvinas foi concedido pela Prefeitura Municipal de Campina Grande, na gestão do prefeito Cássio Rodrigues da Cunha Lima, no ano de 2000.

FIGURA 04: MAPA DA LOCALIZAÇÃO DO MERCAD PÚBLICO DO BAIRRO DAS MALVINAS

Mapa de localização do Mercado Público do Bairro das Malvinas - Campina Grande -PB



FONTE: LAEG/UAG/UFCG, 2016.

Ademais, outros produtos variados como artigos para presentes também são encontrados nesta feira (figuras 05) e o atendimento de cabeleireiros e demais serviços de beleza (figura 06), demonstrando a amplitude dos setores existentes neste mercado.

FIGURA 05: Loja de variedades



FONTE: DONATO, 2016.

FIGURA 06: Salão de beleza



FONTE: DONATO, 2016.

Além daqueles citados anteriormente, também encontramos: consertos de relógios, aparelhos de som, etc. Como também, foram organizados no seu entorno projetos destinados à participação social, como é o caso da academia popular (figura nº 07), biblioteca comunitária (figura nº 08), posto de saúde, etc.

FIGURA 07: Academia popular



FONTE: DONATO, 2016.

FIGURA 08: Biblioteca



FONTE: DONATO, 2016.

Dessa forma, percebemos que a feira como espaço de aglutinação de pessoas, a partir das questões comerciais, também facilitou para que outros atendimentos sociais pudessem ser acoplados a ela, favorecendo outras dimensões da vida daqueles moradores.

Por isso, estas paisagens possuem tantas diferenciações quanto as suas funcionalidades. Callai (op. cit, p.110-11) reflete que estes elementos precisam ser analisados com novos olhares e interpretações, porque,

Daí decorre que ela pode ser observada de escalas diferentes e que se aprende o que ela expressa de formas diferenciadas, dependendo da perspectiva do olhar. É fundamental que se ultrapasse a visualização da paisagem para encontrar o seu significado, as suas histórias. É preciso entender que a paisagem não se cria por acaso, mas que é resultado da vida dos homens, dos processos de produção, dos movimentos da natureza.

Percebe-se, então, que a paisagem é composta tanto por elementos físicos quanto sociais, e como reitera Callai (op. cit), a observação destes elementos e, conseqüentemente, do lugar, irá depender do ponto de vista de cada um, daquilo que lhe chamou atenção ou fez parte do seu interesse, pois cada indivíduo tem uma interpretação diferenciada daquilo que é visualizado.

Mas, será que os estudos geográficos na escola estão se debruçando sobre as análises das paisagens e lugares do cotidiano dos estudantes? Será que a feira é utilizada como espaço de apropriação geográfica? Em nossos estágios verificamos que não. Por isso nos propusemos a desenvolver um trabalho de campo com estudantes de escola próxima ao mercado das Malvinas e verificarmos sobre suas apropriações espaciais a partir deste contexto.

CAPÍTULO 2

O ENSINO DE GEOGRAFIA E O TRABALHO DE CAMPO: estratégias para a construção dos conhecimentos geográficos

Na educação atual verifica-se que, em algumas situações, o ensino de Geografia mantém-se vinculado às práticas pedagógicas que não trabalham os espaços concretos vivenciados pelos estudantes, discutindo-se temas distantes da realidade destas pessoas, privilegiando-se questões decorativas em detrimento de uma análise mais crítica da realidade.

Conforme o que é enfatizado por Cavalcanti (2008, p. 11).

A Geografia é uma ciência que estuda o espaço na sua manifestação global e nas suas manifestações singulares. Sendo assim, os conteúdos geográficos precisam ser “apresentados” para ser trabalhados pelos alunos nessa dupla inserção: a global e a local.

Dando ênfase a esta discussão é importante trabalhar com os jovens escolares a partir das diferentes dinâmicas existentes no local e procurando compreender as inter-relações mais amplas com o global, para que assim possam identificar os diversos sujeitos presentes nestes espaços, os fluxos que ocorrem e sobre as inter-relações que ali se estabelecem.

Nesta perspectiva, podemos identificar que as feiras recebem diferentes classes sociais, diversas etnias e gêneros, a partir de sua dinâmica comercial, tendo uma composição mais democrática, mesmo em função do mercado. Elas acabam fazendo parte do lugar e impondo-se a paisagem, mas interagindo também com outros espaços externos.

Ao compararmos a feira com outro ambiente comercial, como por exemplo, de um Shopping Center, verifica-se que dificilmente acontecem às mesmas inter-relações, pois as pessoas, praticamente, não interagem entre si neste segundo espaço, gerando uma fragmentação social, provocando o que pode ser chamado de “isolamento comunitário”, em que os sujeitos se veem, mas não interagem.

Por isso, reiteramos a importância da feira enquanto um espaço em que as relações são mais democráticas, porque as pessoas não são vistas apenas como clientes,

a partir da lógica mercadológica, mas que o freguês encontra-se mais próximo dos comerciantes e esta se torna também um lugar de encontros.

Dessa forma, como já foi citado neste texto, buscamos estratégias metodológicas que levassem os estudantes a se aproximarem mais da feira e dos feirantes, para observar e analisar estas inter-relações a partir do trabalho de campo.

2.1 O trabalho de campo na construção dos conhecimentos geográficos

O trabalho de campo proporciona a possibilidade de trabalhar os conceitos geográficos a partir de elementos da realidade socioespacial, sendo apresentado da seguinte forma por França (2008, p.147)

A realização de trabalhos de campo com alunos do Ensino Fundamental é uma forma de propiciar a eles a interação com o objeto de estudo, permitindo a construção do conhecimento pelo aluno, mediado pelo professor. O trabalho de campo é uma atividade bastante adequada às propostas de educação de cunho socioconstrutivista, além de ser fundamental aos estudos geográficos.

Por isso, é necessário um planejamento prévio com a participação efetiva dos estudantes e uma preparação antecipada sobre as principais características daquela localidade, pois cada espaço é diferenciado e precisa ser apropriado pelos alunos. Como também, após a realização do estudo de campo é necessária à comparação com outros espaços. Diante disto Callai (op. cit, p. 118) destaca que,

A comparação e a correlação são tarefas a realizar após a observação e a descrição dos lugares, no sentido de buscar analogias, levantar semelhanças e diferenças no interior do referido lugar, como dele em relação a outros lugares. Ao realizar este tipo de análise podem-se perceber as raízes das diferenças existentes. É o caminho para se desvendar características específicas de cada lugar que os diferencia dos demais. O conhecimento e a compreensão das particularidades dos vários lugares pode ser o caminho para se compreender o global, o mundo em que vivemos e para investigar as relações que se estabelecem entre os homens e entre estes e a natureza.

Partindo-se desta perspectiva, pode-se perceber que a participação dos alunos torna-se muito mais efetiva, pois além de apenas observarem estarão presenciando a dinâmica do local, tendo a possibilidade de interagir com o lugar e identificando quais são as inter-relações que acontecem com outros lugares. Neste contexto, os conceitos geográficos são trabalhados de forma dinâmica e terão uma apropriação muito mais consistente por parte dos estudantes.

Além disso, é importante que os estudantes analisem os movimentos internos e externos presentes naquele espaço, fazendo as devidas interpretações sobre estas inter-relações. Sendo assim, o estudo sobre os fixos e fluxos pode contribuir nesta análise.

2.2 Os fixos e fluxos a partir do estudo da feira

Resgatamos, então, os fixos presentes na feira, relacionando com os fluxos diversos que interagem com este espaço, porque estes fazem parte da dinâmica própria deste tipo de espaço comercial. Além disso,

[...] Os fixos nos dão o processo imediato do trabalho. Os fixos são os próprios instrumentos de trabalho e as forças produtivas em geral, incluindo a massa dos homens. Não é por outra razão que os diversos lugares, criados para exercitar o trabalho, não são idênticos e o rendimento por eles obtido está em relação com a adequação dos objetos ao processo imediato de trabalho. Os fluxos são o movimento, a circulação e assim eles nos dão, também, a explicação dos fenômenos da distribuição e do consumo (SANTOS, 1977, p.77).

As estruturas físicas presentes no mercado periódico “abrigam” as pessoas e as inter-relações que lá acontecem, entretanto também existem os fluxos dos produtos e pessoas que para lá se deslocam, ampliando estas relações para áreas externas.

Neste caso, os comerciantes começam a interagir com os fluxos das mercadorias, bem antes do acontecimento da feira, pois eles precisam “organizar” seus territórios com os produtos recém-chegados. Esta organização começa desde o transporte das mercadorias até a sua distribuição, como mostra as figuras nº 09 e 10.

FIGURA 09: Distribuição dos produtos no mercado



FONTE: DONATO, 2016.

FIGURA 10: Descarga de mercadorias

FONTE: DONATO, 2016.

Estes fluxos que passam a fazer parte dos fixos podem tornar-se novamente fluxos a partir do deslocamento dos novos consumidores que os adquirirem. Entre estes sujeitos estão os estudantes que estudam e moram perto da feira.

Mas, estas análises espaciais tão próximas das vidas destes jovens escolares estão sendo trabalhadas no contexto da disciplina geográfica? Os estudantes têm investigado sobre a feira, a partir da reflexão socioespacial?

Identificamos que isto não vem ocorrendo no Ensino de Geografia. Por isso, utilizamos as imagens apresentadas neste texto, relacionando-as aos conceitos geográficos, e os trabalhamos com os alunos antes, durante e após o trabalho de campo na feira das Malvinas, os quais apresentaremos a seguir.

CAPÍTULO 3

OS ESTUDANTES DA ESCOLA ESTADUAL ALCEU DO AMOROSO LIMA NO MERCADO DAS MALVINAS: construindo conhecimentos geográficos

Para realização mais consistente do trabalho fizemos, inicialmente, uma preparação da turma, com planejamento das atividades que seriam desenvolvidas e algumas explicações conceituais do campo geográfico.

3.1 Preparação para o trabalho de campo

O primeiro contato deu-se com a diretora e com a professora de Geografia, que escutaram e forneceram informações sobre a escola e sugeriram qual a turma que poderia ser trabalhada, sendo então escolhido o 6º ano B, devido à professora já haver realizado uma abordagem sobre os conceitos de paisagem e de lugar.

Apresentamos o objetivo do trabalho à turma e fizemos um breve planejamento, com questionamentos sobre os conhecimentos que os alunos tinham sobre o local que seria visitado e de alguns elementos conceituais. Em seguida foi construído o trajeto a partir do percurso que os alunos realizavam no seu dia-a-dia até a escola.

Logo após foram mostradas algumas imagens do Mercado Público das Malvinas, ressaltando a variação de elementos que estavam presentes, como os fluxos de pessoas, a diversidade de cores, relacionando ao conceito de paisagem, que posteriormente foi retomado em campo. Percebeu-se, então, que este foi um momento muito rico, pois de maneira segura os alunos iam discorrendo sobre o que eles sabiam, relacionando os conceitos espontâneos aos conceitos científicos.

A seguir, apresentamos as figuras 11 e 12 que demonstram uma parte da realização do trabalho prévio desenvolvido em sala de aula com os alunos.

FIGURAS 11 E 12: Preparação para o trabalho de campo



FONTE: BEZERRA, 2016.

Entre os conceitos discutidos com os alunos, podemos destacar o de paisagem, em que eles, a partir das imagens analisadas, foram descrevendo os elementos que identificavam, fazendo interpretações sobre o ambiente, apontando as características das pessoas e dos produtos com os quais os comerciantes trabalhavam. Diante disto, França (2008, p. 147) reitera que,

A paisagem, como expressão das relações sociais e da relação da sociedade com o ambiente físico, torna-se uma categoria interdisciplinar, permitindo o estudo de uma infinidade de conteúdos e multiplicidade de abordagens. É importante que o trabalho de Geografia no Ensino Fundamental inicie-se pelo estudo do meio próximo ao aluno, que podem ser os arredores da escola, o bairro, ou a cidade.

Entre os elementos citados anteriormente acrescentamos o espaço da feira, com a qual encaminhamos, a seguir, o trabalho de campo.

3.2 O trabalho de Campo na Feira das Malvinas

Durante o trabalho de campo, buscou-se resgatar as discussões que haviam sido realizadas no momento da preparação em sala de aula, com o intuito de examinar se os alunos conseguiriam construir seus conceitos a partir da observação dos elementos que compunham a paisagem, como também sobre os objetos e as ações que estavam presentes naquele espaço. Nessa perspectiva, era sempre solicitado aos alunos que os mesmos se mantivessem atentos às inter-relações que ocorriam naquele espaço, chamando a atenção para a necessidade da observação, para que assim pudessem fazer as suas próprias interpretações.

Logo no início do trabalho, percebemos que os alunos já começaram a utilizar os sentidos, pois identificavam “o barulho das pessoas”, “a zoadá dos carros”, além de perceber a aproximação do local de venda de peixes, pois um deles foi logo dizendo “ixii, já dá pra saber só pelo cheiro”. Diante disso, identificamos que estas percepções associam-se ao conceito de paisagem, pois segundo Milton Santos “a paisagem não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. (SANTOS, 1977).

Ampliando a análise dos elementos presentes naquele espaço, foi solicitado que os estudantes realizassem anotações e registros fotográficos. Diante desta solicitação, um dos alunos fez uma colocação muito interessante: “vou tirar uma foto que pegue várias

frutas e suas cores” (figura 13), realizando então uma associação com a discussão realizada na aula teórica.

FIGURA 13: A variedade de produtos e cores



FONTE: SOUZA, 2016.

Diante deste contexto pode-se perceber que, embora alguns alunos possuíssem certa dificuldade para conceituar, parte deles já estava associando os conceitos trabalhados em sala com o que eles estavam vendo no momento do trabalho de campo. Dessa forma, havia uma associação entre teoria e prática, porque esta metodologia contribuía para que o aluno fosse um agente ativo no processo de ensino-aprendizagem.

No decorrer do trajeto eles tiveram também a possibilidade de participar da dinâmica e das relações presentes nas atividades da feira, mesmo sem realizarem algum tipo de compra, pois presenciaram os fluxos realizados pelas pessoas e consumiram produtos dos feirantes (figura nº 14). A partir destas inter-relações um dos alunos disse “por isso que o povo gosta de vim pra cá”, ou seja, foi possível que o aluno valoriza-se aquele local, reforçando a identidade que os consumidores possuem com aquele lugar.

FIGURA 14: Participação dos alunos na feira



FONTE: DONATO, 2016.

Os alunos também realizaram uma breve entrevista com um dos feirantes, questionando sobre o convívio e a identidade do comerciante com aquele espaço, abordando sobre a importância da feira do Mercado Público das Malvinas para a sua vida (figuras 15 e 16). Diante das perguntas feitas, o entrevistado ressaltou que “é daqui que tiro minha feira e pago minhas conta, e já tô na idade, num dá pra arrumar outro serviço e nem quero, tá bom demais assim”. Neste contexto da fala do feirante o conceito de lugar ficou bem evidente.

FIGURAS 15 E 16: Realização de entrevista com feirante



FONTE: SOUZA, 2016

Os estudantes ainda indagaram: “o que o senhor fazia se acabasse a feira?” e de maneira muito subjetiva o comerciante respondeu: “aí eu num sei”. A partir desta fala ficou clara a relação de dependência daquele espaço para sua vida e a questão da identidade que as pessoas possuem com aquele lugar, já estando habituados com aquela dinâmica, porque não pensam em se afastar deste ambiente, possuindo relações afetivas com o lugar.

Ao voltarmos para a escola solicitamos que os alunos dissertassem sobre o estudo de campo, utilizando algumas das fotografias tiradas durante o trabalho realizado.

3.3 Retomando os conhecimentos geográficos

Nas descrições das observações houve a predominância da identificação dos fluxos, a partir dos carros, das pessoas que se deslocavam tanto de suas casas quanto das outras cidades (no caso dos feirantes), etc. Também foram citados os fixos presentes naquele espaço como: as lojas, os bancos, etc. E ampliaram para identificação de outros elementos da paisagem, como das cores, dos cheiros, sons, etc.

Desta forma, utilizaram todos os sentidos na referida análise, percebendo as inter-relações existentes no espaço. Também registraram a partir dos materiais fotográficos. No texto a seguir (figura 17), percebe-se a descrição que um aluno faz na análise do ambiente pelo olfato.

FIGURAS 17: RELATO DOS ELEMENTOS DA PAISAGEM

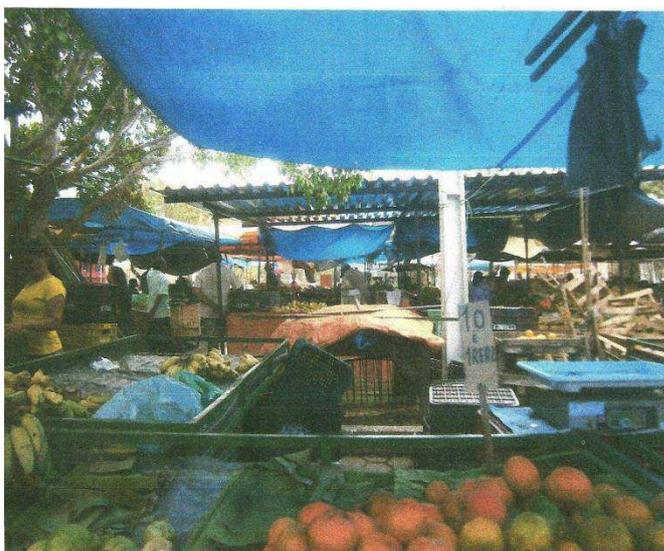


hês observamos que a paisagem é acima
 hedamos ver uma paisagem natural, feixes substancialmente,
 os observamos a distância e cheiro deles de longe e
 algumas chegaram até eles. Eles são tratados em um
 modo, os pequenos separados dos maiores. Com pessoas não
 se a feira para comprar os feixes, foi ser de boa qualidade
 também a questão da higiene e também o atendimento dos
 vendedores que é de boa qualidade.

Diante desta reflexão pode-se perceber que ele não utilizou apenas o elemento visual, que é tão utilizado na sociedade atual, mas sim de outros recursos e outros sentidos, fazendo várias observações sobre este ambiente, indo além das questões visíveis e se preocupando até com a limpeza do produto, enfatizando questões interdisciplinares importantes. Outro aspecto ressaltado foi a questão dos fluxos dos clientes para a obtenção destes produtos, que reforça a noção conceitual de espaço.

Os textos a seguir apresentados nas figuras 18 e 19 enfocam, principalmente, sobre as cores e cheiros presentes na feira, através da análise da paisagem. Sendo que o primeiro também refere-se aos fluxos dos produtores rurais ao fornecerem os seus produtos a este mercado periódico. E o segundo descreve os produtos, destacando os diferentes tipos de frutas e verduras existentes neste local.

FIGURAS 18: DIVERSIDADE DE CORES



Eu Korai e minha amiga Jaciello observamos nesta Feirinha tem muitos cores muitos frutos.

O bom é saber que esta Feirinha Fico na nossa comunidade beneficiando os moradores, também pessoas que vem de outros bairros comprar produtos que são produzidos na Zona Rural de cidades próximas a campina grande.

Nesta abordagem são referenciadas as relações entre os fixos e fluxos a partir do trabalho daqueles que abastecem a feira, principalmente os agricultores, trazendo de forma simples a conceituação de Milton Santos.

FIGURAS 19: AS FORMAS E CORES



A paisagem da feira das madeiras, tem várias formas, cores e cheiros. Há também grande diversidade de frutas como: laranjas, bananas, também grande diversidade de verduras como: pimentões, alface e cebolas.

Dessa forma, identificamos que os alunos por meio da visita e da análise das imagens, conseguem perceber as inter-relações socioespaciais presentes, a dinâmica existente no espaço, e, o mais importante, conseguem relacionar os conhecimentos geográficos abordados em sala de aula, trabalhando os conceitos geográficos de maneira mais objetiva e concreta.

E nessa perspectiva, nota-se o quanto é fundamental o papel do professor, que precisa compreender este processo produtivo, para que assim colabore para o aprendizado do aluno, pois não é apenas o trabalho de campo em si ou as aulas teóricas que irão garantir a produção das conceituações, mas do acompanhamento do aluno, passando por um trabalho pedagógico que busque envolver e colocá-lo como agente participativo, em que o mesmo seja sujeito ativo neste processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de geografia é fundamental para se entender sobre as dinâmicas existentes no espaço, uma vez que estas contribuem para a compreensão da realidade socioespacial em que estamos inseridos. Mas, é necessário que ele aconteça a partir de elementos concretos e próximos da realidade do estudante, ampliando para espaços mais distantes.

Dentro desta perspectiva, podemos perceber o quanto o trabalho de campo é importante na construção dos conhecimentos e conceitos geográficos, pois além de envolver todos os sentidos dos alunos, mexe com as emoções deles, pois se envolvem de maneira efetiva, principalmente quando estão diante de espaços tão próximos como é o caso da feira.

Porém, é importante destacar que o uso deste instrumento pedagógico não é suficiente para a garantia da construção dos conhecimentos geográficos, pois cada aluno possui uma aprendizagem individual, e por isso o professor é o mediador fundamental nesta apropriação conceitual.

Por isso, ressaltamos que o estudo das feiras, do bairro, da cidade ou de outros espaços só podem gerar, de fato, construções conceituais a partir da intervenção dos docentes, que contribuirão para o avanço dos conceitos espontâneos para os científicos.

Assim, é necessário resgatar os conhecimentos prévios dos alunos, como fizemos na preparação do trabalho de campo. Mas, é fundamental também retomar os elementos conceituais na volta à escola, através das produções dos estudantes, porque é neste trabalho avaliativo que poderemos contribuir com o avanço conceitual daqueles que possuem mais dificuldades.

Contudo, a investigação aqui realizada atingiu seus objetivos no tocante à análise das Inter-relações Socioespaciais presentes nas feiras: o trabalho de campo no mercado público das Malvinas como estratégia para o ensino de Geografia, a partir do estudo de campo no mercado das Malvinas, contribuiu, principalmente, para construção dos conhecimentos geográficos daqueles estudantes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. de. **A terra e o homem no Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1986.

BOECHAT, P.T. V; SANTOS, J. L. dos. **Feira Livre**: dinâmicas espaciais e relações identitárias. UESB, 2011. Disponível em: <<http://www.uesb.br/eventos/ebg/index.php?pagina=anais>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

BOTERF, G. L. Pesquisa Participante: Propostas e reflexões metodológicas. In: BRANDÃO, C. R. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 51-81.

BRAUDEL, F. **Os jogos das trocas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998, v. 2.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. (Org.) **Ensino de Geografia**: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

_____. **A Geografia escolar e a cidade**: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papirus, 2008.

COSTA, A. A. da. **Sucessões e coexistências do espaço campinense na sua inserção ao meio Técnico-Científico-Informacional**: a feira de Campina Grande na Interface desse processo. Recife: UFPE, 2003.

DINIZ, L. da S. Campina Grande: comércio, cidade e região. In: SILVA, A. B. da; GUTIERRES, H. E. P; GALVÃO, J. de C (Org.). **Paraíba**: pluralidades e representações geográficas. Campina Grande: EDUFCEG, p. 87-98, 2015.

FRANÇA, E T. O trabalho de campo no ensino fundamental. In: ARCHELA, R, S; CALVENTE, M. C. M. H. **Ensino de geografia**: tecnologias e outras técnicas passo a passo. Londrina: EDUEL, 2008, p. 147-156.

GOMES, M. de F. V. B; NETO, N. T. A leitura da paisagem como proposta metodológica para o ensino de geografia. In: ARCHELA, R, S; CALVENTE, M. C. M. H. **Ensino de geografia**: tecnologias e outras técnicas passo a passo. Londrina: EDUEL, 2008, p. 147-156.

LIMA, T. C. de; CÂMARA, T. M. da. **Importância cultural da feira livre para população do município de Parnamirim/RN**. IFRN, 2010. Disponível em: <<http://connepi.ifal.edu.br/ocs/index/php/connepi/CONNEPI2010/paper/viewFile>> Acesso em: 12 ago. 2016.

OLIVEIRA, A. N.; VIETRO, A. F. Estudo do meio como ferramenta essencial para o ensino. In: ARCHELA, R, S; CALVENTE, M. C. M. H. **Ensino de geografia**: tecnologias e outras técnicas passo a passo. Londrina: EDUEL, 2008, p. 139-146.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. Em colaboração com Denise Elias. – 5. Ed. 2. Reimp. – São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. – 4. Ed. 5. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.